

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ

As representações humanas do sagrado sempre constaram no repertório analítico das ciências sociais. Na formação deste quadro teórico, diversas transformações foram refletidas com base na observação de diferentes padrões de sociabilidade, solidariedade e desenvolvimento das forças produtivas, mas especialmente a partir de novas configurações através das quais as relações entre religião e sociedade se encontravam profundamente afetadas. Não apenas a disseminação de uma racionalidade econômica pertinente a novos arranjos societários possibilitou inferências sobre a destituição da religião como principal sistema de explicação do real, mas ainda os mecanismos de dessacralização da normatividade jurídico-política e o conseqüente apartamento das relações religião/Estado suscitaram a ideia de um deslocamento do religioso na direção do privado.

A experiência religiosa longe de ser unicamente impulsionada pelos registros de repertório dogmático das religiões resiste e é atualizada pela fragmentação de motivos difusos: neocatequização pictórica, roteiros turísticos, cds e filmes marcados pela técnica da indústria cultural, etc. Esse panorama traz relevo para as modalidades de desregulação institucional e relativiza como também traduz estratégias de justaposição de esferas de pertencimento, trabalho de bricolagem dos elementos inerentes às religiões tradicionais. Porém, tais componentes de repertórios das “velhas” e “novas” devoções e religiões são postos em marcha no movimento da atualidade de usos e sentidos presentes nas performances da fé para ampliar públicos, modular arenas de disputas as alargando por melhores posições. Nesse sentido, resgatar gramáticas que permitam sofisticações pertinentes para dar sentido à vida e às trajetórias dos integrantes da/na fé torna-se parte do processo de “filiação” ou “desfiliação” a determinada igreja ou demais espaços de cultos sagrados.

Mas a esfera social não estaria comemorando o advento final do seu processo de secularização? Peter L. Berger em seu livro *Os múltiplos altares da modernidade* (re)posiciona seu argumento acerca dos fatos que delineariam a secularização, permitindo-se perceber o pluralismo como um dos fatores na base de “liquidação” da experiência religiosa. Contrariando essa fórmula explicativa, longe de eclipsar permanentemente o sagrado e suas manifestações, o faz emergir de lugares até então desacreditados e por isso secundarizados à análise da insistência da esfera religiosa para a produção de sentido e na organização de condutas públicas e privadas.

Nas palavras deste autor, a coexistência da variabilidade de cosmovisões e sistemas de valores acerca dos processos societários observados, evidência do fenômeno pluralista, exige que exista conversação constante entre pessoas “iguais” e “diferentes”, que as mesmas convivam juntas,

pressuposto para situações marcadas pela paz e a amizade. Relativizar e influenciar seriam os aspectos principais deste cenário de interação da diferença alargada pelo/entre o trânsito de pessoas, coisas e ambientes. A contrapelo deste “compromisso cognitivo”, termo cunhado por Peter L. Berger, a passividade e o convívio fraterno poderiam dar voz e vez ao caráter conflitivo dos novos arranjos devocionais na atualidade. Esta contraface sublinharia disputas e tensões irresolutas porque na base da autoafirmação de um repertório religioso também pode não haver combinação de conteúdos passíveis de tradutibilidade, mas sim, a contra gosto de posturas tolerantes presentes na sociedade, as práticas de purificação seriam a tônica da pluralidade pelo atrito da diferença que não quer se assimilar em outra, em nova forma.

Com níveis distintos, mas impactados pelos aspectos marcados por sociedades pluralistas nascentes ou em fase de gestação, apresentam-se os quatro textos do *Dossiê Religiões, religiosidades e o mundo contemporâneo*.

Modernização reflexiva e a dessacralização religiosa no século XXI: Globalização, individualização e política no Brasil contemporâneo é título do artigo escrito por Antonio Carlos Boaretto e abre a seção da revista respectiva ao dossiê. Nele poderemos observar como se imbricam processos tão complexos como a globalização e a individualização, que pela égide do escopo dos processos de modernização reflexiva deslocaram ou ainda concorreram a alterar as mais antigas e radicais institucionalidades religiosas no século XXI, tanto na forma de se constituir identidades como os diferentes tipos de pertencimento religioso-devocional. Neste sentido, o tratamento analítico posto neste texto acompanha a linha tênue mas impactante dos processo de dessacralização e ressignificação religiosas. Este texto revela as nuances e conflitos de uma modernidade que ora não detém legitimidade frente às experiências religiosas da atualidade, e por essa via, colabora para estancar a sobreposição ou assimilação de gramáticas diferentes as mantendo em oposição e até mesmo em permanente disputa, explicitando-se neste movimento uma identidade religiosa marcada por suas características imunizadora e conservadora.

Com base nas características culturais da realidade brasileira se observa que as concepções conservadoras seriam senão de difícil aparição um tanto fracas para embasar as representações religiosas que nos acercam. Este é o argumento de Maria Clara Ramos Nery ao passo que sublinha daquela apreensão a emergência do contexto moderno-líquido, inspiração esta que a fez abordar a religião no Brasil a partir da categoria analítica modernidade líquida, esculpida por Zygmunt Bauman. Para tanto, cabe afirmar como faz a autora que o fenômeno religioso no país está fundamentado pela matriz religiosa onde se explicitam registros de “primitivismos” expostos na “demonização e no exorcismo”. Longe de serem expressões arcaicas de um passado que resiste ao tempo, conformam-se na atualidade da proliferação de seitas responsáveis por adensar as religiões neopentecostais do universo religioso contemporâneo do Brasil.

Eduardo Rosa Guedes irá somar a esse dossiê com um recorte analítico de sua dissertação de mestrado, através da qual utilizando a sociologia de Max Weber pesquisa a justificativa dos fiéis de uma Igreja Batista situada na cidade de Santa Maria, coração do estado do Rio Grande do Sul, relacionada a partir da noção de presença do mal no mundo e suas implicações para algumas tipologias analíticas de cunho weberianas. Para tanto, sob o título de *A existência do mal no mundo: a justificativa dos fiéis da Igreja Batista Nacional de Santa Maria/RS e sua relação com as tipologias de teodiceia weberianas*, investe na reconstrução de breve histórico dos participantes da Igreja Batista e

suas características teológicas, bem como a influência judaica que estes atores-religiosos sofreram e sofrem na frequência aos cultos marcada por uma “pedagogia judaica”.

No artigo de Adimilson Renato da Silva e Maria Cláudia Rodrigues, ao abordarem os desdobramentos de uma controvérsia pública produzida em torno da edificação da Imagem de Nossa Senhora de Caravaggio, na cidade de Farroupilha (RS), enfocam a tratativa dos modos públicos de aprovação ou reprovação daquela imagem mariana. De maneira geral, os autores percebem as disputas de sentido a partir da produção da Imagem de Caravaggio que desagradou os devotos e moradores locais, relacionando a configuração de visibilidade das “faces de maria” o que os possibilitou sublinhar aspectos da imbricação entre religião e espaço público.

O artigo que abre a seção de fluxo contínuo deste número da revista é escrito por Ricardo Gonçalves Severo e recebe o título de *Me odeia, mas por favor, pensa em mim!: Compreensão do engajamento com base na trajetória militante*. Nele, o autor procura situar à trajetória militante a partir da viabilidade de compreender os elementos importantes para a adesão, continuidade e desengajamento em torno de uma organização política. Através o diálogo com Mari, nome fictício dado a sua interlocutora, Severo irá acompanhar na diacronia da trajetória de participação daquela entre o movimento estudantil e a rádio comunitária existente na região sul do Brasil. Grosso modo, para além do engajamento entre espaços de participação política se perceberá no desenrolar deste texto as inserções do próprio projeto de vida da atriz principal com quem o autor trava contato, mas concatenado com projeto plurais mais amplos emergidos da sociedade envolvente.

No artigo intitulado *Vida humana e biopoder em Foucault e Agamben*, Thiago Delaíde da Silva, segundo artigo da seção do fluxo contínuo, tece relações a partir da produção teórica de Michel Foucault segundo seu conceito de biopolítica e os caminhos traçados por este autor nas inserções que faz em sua genealogia da governamentalidade. Especificamente as obras foucaultianas consultadas pelo autor do artigo são Segurança, Território e População e O Nascimento da Biopolítica. No segundo movimento do texto Thiago irá realizar apontamentos acerca da abordagem da biopolítica de Giorgio Agamben a partir das obras *Homo Sacer: O Poder Soberano* e *A vida Nua* articulando correspondências com o livro *O Reino e a Glória: Genealogia Teológica da Economia e do Governo*. Este exercício de aproximação de ambas obras de autores diferentes, mas nem por isso sem correlação entre estas produções, pois os escritos de Foucault influenciaram as abordagens e elaborações de Agamben, permitiram o autor do artigo as articulações do poder político, seja na versão da suposta “soberania” ou “governo”, seja o caso das tentativas de aprisionamento da vida pelas armadilhas engendradas pelo biopoder no contexto contemporâneo.

O livro *O Reino e a Glória*, do filósofo italiano Giorgio Agamben, publicado no ano de 2011 pela Editora Boitempo recebe atenção especial na resenha escrita por Vitor Leandro Kaizer. Neste diálogo de Vitor com a obra de Agamben, destaca-se o percurso em que o poder no Ocidente toma forma de oikonomia “governo dos homens”, maneira pela qual o âmbito das coisas domésticas são administradas “racionalmente” para a forma assumida posteriormente como dimensão pública de administração da vida humana, na ordem da governamentalidade foucaultiana. Nesta resenha é construída em linhas gerais, ponto a ponto, a genealogia da ideia de poder na sua concepção paradigmática de governo moderno. Para tanto, o enfoque apreendido através da ruptura entre os planos do transcendente e o imanente, separa assim no primeiro caso o governo do mundo por uma “divindade”, e no segundo a maneira de como a “gestão das coisas e seres” dever ser administrada.

Perspectiva que faz o autor da resenha concluir que “os estudos genealógicos de Agamben sobre ‘A máquina providencial’ confluem na evidência de uma matriz teológico-cristã por base do modelo governamental moderno”.

Adimilson Renato da Silva
Universidade do Vale do Rio do Sinos

Maria Cláudia Rodrigues
Universidade Luterana do Brasil

Organizadores do Dossiê